

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	02	17	F20	06
	UF	SÍTIO..	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombos da Serra do Cipó
LOCALIDADE	Comunidade Quilombola Buraco
MUNICÍPIO / UF	Conceição do Mato Dentro

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Festa do Cruzeiro
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Festa de São Pedro
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Osvaldo Silivano (neto de José Silivano Véio e atual responsável pela festa) segurando a bandeira
FOTO: Ana Tereza Faria. Abril de 2016.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****02****17****F20****06**

Cruzeiro ornamentado para a festa de 2015. Ao pé do Cruzeiro, bandeira. Foto: Demilson.



Morro do Cruzeiro. Foto: Ana Tereza Faria. Abril de 2016.



Comunidade Quilombola de Buraco vista do Morro do Cruzeiro. Foto: Ana Tereza Faria. Abril de 2016.



Casa e quintal de José Silvano Véio. Foto: Ana Tereza Faria. Abril de 2016.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****02****17****F20****06****4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

A Festa do Cruzeiro é uma festa religiosa centenária na Comunidade Quilombola Buraco, em Conceição do Mato Dentro. Se não houver imprevistos, acontece anualmente em um final de semana próximo ao dia 29 de junho, dia de São Pedro no calendário católico. É chamada Festa do Cruzeiro porque é realizada no alto do Morro do Cruzeiro, mas é uma celebração em honra a São Pedro e não à Santa Cruz como pode sugerir o nome. Segundo Osvaldo, responsável pela celebração, “essa festa tem mais de 100 anos certamente, que era coisa de gente muito antiga dos antepassados”. Osvaldo herdou a bandeira de seu pai, Sebastião Silvano, “que herdou do meu avô, José Silvano Véio, que já era herdeiro da bandeira”. No Morro do Cruzeiro rezam o terço e levantam a Bandeira de São Pedro ao som de muito foguete e cantos religiosos. Em seguida, na casa e terreno onde viveu José Silvano Véio, servem comida e bebida. Ao som de um forró, tocado em som mecânico, os convidados dançam a noite toda. Osvaldo é o responsável pela festa, mas conta com a ajuda de festeiros que anualmente se alternam. No início de junho começam os preparativos para a festa. Iniciam comprando os ingredientes para a feitura da comida (farofa de frango, arroz e caldo de mandioca). Participam da festa cerca de 100 a 200 pessoas. Além dos quilombolas de Buraco, comparecem amigos e parentes que moram do entorno de Buraco (em especial de Três Barras, Cubas, Tabuleiro e Taquaral), além de pessoas residentes na sede de Conceição do Mato Dentro e também em Belo Horizonte. Após 15 dias, alguns poucos quilombolas residentes nas proximidades do Morro do Cruzeiro descem a bandeira, que ficará guardada na casa que foi de José Silvano Véio.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO**5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A Festa do Cruzeiro possui dois marcos espaciais: o Morro do Cruzeiro e a casa e quintal do falecido José Silvano, um dos fundadores da Comunidade Quilombola de Buraco e quem instituiu a Festa do Cruzeiro no quilombo, há aproximadamente 100 anos, no mínimo. Desde que a festa começou a ser comemorada em Buraco, estes são os locais de referência. Sendo propriedade dos herdeiros do fundador da celebração, não é necessária qualquer autorização ou pagamento de taxas para a realização da festa. A conservação da casa e do Morro do Cruzeiro é uma função de Osvaldo, o neto de José Silvano que hoje guarda a bandeira de São Pedro e reside na casa que foi do avô.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O Morro do Cruzeiro e a casa de José Silvano estão localizados em uma das regiões mais altas de Buraco. A parte mais antiga da casa foi construída em pau a pique. Outra parte, mais recente, foi erguida em adobe. Os primeiros cômodos em adobe foram construídos por volta de 1960. O Morro do Cruzeiro está localizado há aproximadamente 500 metros da casa de José Silvano, em uma área que foi de sua propriedade, hoje de seus herdeiros. Ao centro do morro está localizado um cruzeiro de madeira feito com braúna. Do Morro do Cruzeiro os visitantes têm uma visão panorâmica de quase todo o território de Buraco.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

No Morro do Cruzeiro acontece a etapa religiosa da festa. Lá é levantada a bandeira de São Pedro em um ritual com reza, cânticos e foguetes. Na Casa de José Silvano, os festeiros recebem a comunidade e os visitantes. Lá, após a reza no Morro do Cruzeiro, oferecem a comida e a bebida. Um som mecânico toca forró até o amanhecer de domingo. É também nesta casa que os festeiros e colaboradores se reúnem para a preparação da comida ofertada na festa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	02	17	F20	06
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6. TEMPO

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ☒ DATA MÓVEL: Final de semana próximo ao dia 29 de junho (o dia de São Pedro)										
DURAÇÃO	DE SÁBADO A DOMINGO										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR _____										
OCCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☒	☒	☒	☒

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****02****17****F20****06****7. HISTÓRIA****7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

A Festa do Cruzeiro foi instituída em Buraco por José Silivano, um dos fundadores da Comunidade Quilombola de Buraco. Ele é avô de Osvaldo Silivano, o atual guardião da celebração.

“Quando meu avô mudou pra aqui, que nossa família não era daqui não, meu avô foi nascido em Itacolomy [distrito do Município de Conceição do Mato Dentro] (...), José Silivano. Aí eles mudaram de lá pra cá. Vieram os companheiros dele, irmãos, os primos... Mudou pra aqui, aí continuou [com a festa]. Fazia essa festa lá [em Itacolomy] uma vez ou outra, depois aí é que eles continuaram direto, fazendo ela sempre, sempre. Daí pra cá, do tempo do meu pai, e nós continuamos com ela.” (Osvaldo Silivano, 02 de abril de 2016)

“Essa festa já tem mais de 100 anos. Que meu avô quando mudou pra cá era novo. Meu pai [Sebastião Silivano] nasceu aqui e morreu com oitenta e tantos anos. (...) Vai fazer 16 anos que ele morreu. (...) meu avô [José Silivano] morreu com setenta e tantos anos. (...) Eu lembro [do meu avô]. A idade dele que eu não sabia ao certo não. Mas quando meu avô morreu eu tinha três anos de idade [Osvaldo nasceu em 1954]. Eu lembro como se fosse hoje quando ele morreu. Nós morávamos nessa casa aqui, mas só tinha quatro cômodos. Ele chegava de manhã cedo todo dia. Minha mãe fazia café e o primeiro que vinha tomar o café era ele. Eu tinha três anos de idade.” (Osvaldo Silivano, 02 de abril de 2016)

Osvaldo não sabe dizer se a origem da festa está ligada a alguma promessa, apenas que seu avô era devoto de São Pedro. Enquanto foi vivo, José Silivano foi o responsável pela promoção do festejo. Após sua morte, a responsabilidade foi transferida para seu filho Sebastião Silivano. Sebastião viveu com sua família na casa herdada do pai e organizava a festa com o apoio de sua esposa Maria Rosa. No início da década de 1990, Maria Rosa adoeceu e por aproximadamente seis anos a festa não aconteceu. Por volta de 1998, Sebastião Silivano decidiu reerguer a festa. No mesmo ano, um mês após a festa, Maria Rosa faleceu. Desde então, a festa acontece anualmente sem falhas. Entretanto, a responsabilidade da festa não se concentra mais em uma única pessoa ou núcleo familiar: cada ano a festa é promovida por um festeiro. De todo modo, apesar da variação dos festeiros, a casa (hoje reformada e ampliada) que foi de José Silivano e posteriormente de seu filho Sebastião Silivano, é o local de referência para a realização do festejo, assim como o Morro do Cruzeiro. Osvaldo – neto de José Silivano – é quem cuida da casa e do Morro do Cruzeiro. Ele, independentemente de quem serão os festeiros, se responsabiliza anualmente por grande parte da preparação e execução da festa.

“Minha mãe adoeceu e ficou a festa parada. No mesmo ano meu pai voltou a fazer a festa e não parou mais. Fez a festa em junho, em julho ela morreu. De lá para cá, um ano um [festeiro] faz, no outro [ano], outro [festeiro]. Este ano uma sobrinha que mora em BH quem vai fazer a festa”. (Osvaldo Silivano, 02 de abril de 2016)

A festa acontece sempre em um final de semana próximo ao dia 29 de junho. O final de semana exato é sempre definido pelo festeiro em parceria com Osvaldo. Em 2016 a festa foi agendada para o dia 02 de julho, entretanto, por falta de recursos foi cancelada.

Até o ano de 2015, a reza era “puxada” por Nazinha, uma neta de José Silivano, e Terezinha, uma quilombola que nasceu e por toda a vida morou em Três Barras. Terezinha, entretanto, faleceu em 2015 e desde então Nazinha é a única rezadeira local. Nazinha é casada com um quilombola nascido em Três Barras, onde vive o casal.

Após a reza ao pé do cruzeiro, a comunidade e os visitantes se reúnem na casa da festa. A princípio este momento era animado por um forró tocado por um grupo de músicos, com instrumentos como sanfona, violão, pandeiro e triângulo. Após a morte do sanfoneiro (João Baianinho), há mais de 30 anos, as festas passaram a ser animadas por som mecânico. *“No tempo de João baianinho que era bom”*, lembra Osvaldo.

Osvaldo se conta que nas festas promovidas por seu pai (falecido por volta do ano de 2000) o cardápio se resumia em cuscuz (feito com fubá, farinha de mandioca e rapadura), broa de fubá, café e cachaça. *“A cachaça pra eles era primeiro lugar”*. Hoje o cardápio é variado. Os festeiros oferecem caldo de mandioca, farofa, arroz, churrasco, cerveja, cachaça e batidas.

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

História associada à celebração: história de origem da Comunidade Quilombola de Buraco. Cf. Ficha de Identificação da localidade.

Trechos da entrevista de Osvaldo sobre a história de Buraco:

“Compra mandioca quando não acha por aqui, que é muito difícil. Antigamente tinha, que hoje quase ninguém planta esse negócio mais não. (...) Os lugares bons [para cultivo] estão tudo tomado. Agora ninguém [ininteligível] só como braquiara. (...) No tempo do nosso pai, nós plantávamos no terreno dos Carneiros [família de médios proprietários],

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	02	17	F20	06
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

num lugar que chama Véia. Era bom, lá colhia mandioca com força.” [Porque José Silivano saiu de Itacolomy e se mudou para Buraco?] “Por conta de terreno. Então, eles tinham uma parte de terra lá. Eles trocaram o terreno deles lá com esse pedaço de terra aqui. Aqui eles repartiram. Aqui repartiu para um tal de... era... um tal de Manuel Sabino, uns outros mais velhos que eu não conheci e meu avô também. Era um pessoal, um tal de ... uns outros parentes deles que mudou. Um tal de... Era um outro nome mas nós ouvíamos falar dele de bicudo. Era o apelido deles, né. Tinha um tal de Simião que era parente. E Varandão... Tudo veio de lá pra cá, morar. Essa rencada toda.”

[Quando eles vieram já havia pessoas morando em Buraco?] “Quando eles vieram não tinha não. Só tinha só essa fazenda onde é desse pessoal que é de Teófilo Jorge. Aí que eles moravam aí. O pai do Teófilo Jorge morava aí. E nisso eles fico por aí e foi rendendo essa familiarada braba.”

“Inclusive a maior parte da família nossa mora tudo em Itacolomy. Nós temos parentes lá que eu nem conheço. Há pouco tempo eu tava trabalhando lá pra um menino lá. Eu perguntei pro cara “de que família você é?”; [o cara respondeu:] “eu sou de Silivano”; Eu falei “poxa, nós somos parentes e ninguém sabe” 8:52

[O senhor já ouviu falar de Fidirico?] Era, era tudo desse povo aí. Fidirico... Era tudo da família nossa mesmo... Do Silivano... Olimpo... Tudo era parente, tudo veio junto na mesma época. [Vieram todos juntos, ou aos poucos?] os pais deles vieram na frente, né. Eles foram criados também foi aqui... [Os pais de quem?] Pai do Olimpo, do Frederico... [Eles eram irmãos?]. O Olimpo era irmão, não. O Pai do Olimpo era desse pessoal do Silivano. Inclusive aqui no Buraco todo mundo é primo. Primo de primeiro, primo de segundo. Tudo uma parentada só.

“(...) velho Zé Silivano, velho Fidirico, velho Olimpo... Mas primeiramente mesmo era esse tal de Barandão, Simião... Esses é que foram os primeiros a mudar aqui pra Buraco. [Simião?] É. [E ele é parente do senhor?] É ele é parente da minha mãe, né. Que a minha mãe é... Tinha apelido de baiano, mas tinha nada de baiano não. Então esse tal de Barandão, Simião, era tio da minha mãe. (...) A família nossa tem tudo apelido de baiano, mas tem nada de baiano não. Só apelido. Minha mãe o apelido era Maria Baiano. Tinha um homem aqui que morreu a pouco tempo, Deca Baiano. Inclusive tem outro tio nosso de resto, Joaquim Baiano, que mora lá na vila [ininteligível]. (...) Deca Baiano era meu tio. Era irmão da minha mãe.”

[Então o Barandão e o Simião foram os primeiros?] Foram os primeiros aqui em Buraco. [Qual o parentesco entre o Simião e Barandão com o Zé Silivano?] Eles eram primos.

[Essas terras aqui foram um dia do Teófilo Jorge?] Não! Essa fazenda desse povo do Inhozinho, esse trem é de rolo. Isso aqui quando o Teófilo Jorge entrou aí... Tudo em nome deles é da Fazenda de Três Barras.. Só aqui que era dos quilombolas, o terreno daqui que é separado. O resto aqui a fora... Esse pedaço todo aí a fora... Isso tudo aí divisa... Sai daqui, sai de Campo Grande, lá o entroncamento lá, vira pra lá, tudo é em nome de Fazenda Três Barras, de Ana Florina. Tem o documento desse trem lá no Serro. Mas só que tem que esse Teófilo Jorge veio pra aí, veio tomando... veio tomando... e fico de frente e passou a ser dono de porta... Eles [os quilombolas] perderam o terreno.” (13:00)

[Quem foi Ana Florina?] Ana Florina de Três Barras, mãe desse tal Geraldo Silvio (13:15) . [Ela é quilombola?] Não. Ela é dona desse terreno da Fazenda Três Barras. A maior parte dessas fazendas que é de Teófilo Jorge. (...) Diz que na época dela, era fazendeira forte desse Três Barras aí. Num tinha esses moradores aí não... Ela era dona, o terreno foi do pai dela. (...) [Ana Florinda é da Mesma época de Barandão, Simião...?] É da mesma época. [Também da época do José Silivano?] Não, ela é mais velha que José Silivano ainda.

[...] Essa fazenda do Teófilo Jorge aí era... Igual, eles venderam esse trêm aí, mas num tem documento não. (...) Porque a maior parte era da Ana Florina. Então Teófilo Jorge ele mudando pra aí que ele foi pedindo ao pessoal bebedor pra boi... o povo na época era muito bobo, ia dando. 14:47. Ia só fazendo cerca. “ah minha água ta diminuindo... ta assim.. você me dá um tanto pra fazer bebedor pra boi?”. E o pessoal dava e nisso aí ele ia aumentando pra frente e quando foi no fim saiu sendo dono de tudo. [Teófilo Jorge pedia pra quem, para Ana Florinda ou para os quilombolas?] Pra turma dos quilombolas. Os parentes nossos. Inclusive esse avô meu, o Zé Silivano deu um pedaço enorme. Que esse terreno nosso que é de Buraco aqui, subia, divisava lá no mato lá. E hoje em dia a divisa é naquele córrego ali. Porque diz que meu avô... Isso aí é a minha mãe que lembra. Minha mãe disse que ele dava o terreno pro Teófilo Jorge. O Zé Silivano trocava cachaça, rapadura, por pedaço de terra. E com isso os novos é que ficaram encurralados. (...) Foi diminuindo o terreno. Pra nós mesmo não sobrou nada. (...) Nós ficamos nessa mixaria que ta aí. [Essa história que o senhor está me contando é ade Buraco, a história de Três Barras é outra?] É outra história. O nosso aqui, o terreno de Silivano que eles trocaram. Que meu avô trocou. Bobagem de cachaça. Que na época as coisas eram difíceis. Trocava pedaço de terra por café, trocava por milho. Minha mãe contava que na época não tinha arame, fazia estaca era de braúna pra fechar. Inclusive no córrego adiante lá quando eu era pequeno, eu lembro ainda de estaca de braúna fechando um mucado do córrego onde eles pediam bebedor. (17:15)

[O senhor saberia falar qual ou quais foram as primeiras casas em Buraco?] Não, das primeiras eu não sei não. Porque na época quando fizeram, já fizeram tudo. Foi no tempo do Zé Silivano... Fidirico... Olimpo... Não, deve não... As primeiras são desse Barandão que morou aí, essa tal de família de Barandão que morava aqui, que era parente da minha mãe, tio da minha mãe. [Barandão e Simião eram irmãos?] Eram irmãos. Eram dois doidos. Minha mãe

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****02****17****F20****06**

falava que eles não eram certos da cabeça não. Não tomavam banho, andavam de qualquer jeito, as roupas eram tudo mal arrumadas.

[Sua mãe quem lhe contava?]. Minha mãe que me contava. [Ela gostava de conversar?] Gostava de mais da conta. Minha mãe era ótima mãe. (...) [Ela morreu com quantos anos?] Com quase 90 anos. [Qual o nome dela?] Maria Rosa. Morreu com 87 anos, acho. (...) Eu tinha 45 anos de idade. [pelos cálculos, Maria Rosa morreu por volta de 1998]. (...) Meu pai [morreu] fazem 16 anos [por volta do ano de 2000].

[Diálogo entre Osvaldo, sua companheira e a pesquisadora]

- Osvaldo [perguntando a sua companheira]: Em Buraco aqui, que é estranho é só da sua família né?

- Maria: Minha família, é. Mas é de Silivano mesmo, uai.

- Osvaldo: Da parte de mãe é Silivano, mas e da parte do seu pai?

- Maria: Minha família do meu pai é do Firmino.

- Pesquisadora: A família da senhora é de onde?

- Maria: É Tijucal, né.

- Pesquisadora: A senhora nasceu lá ou aqui?

- Maria: Eu nasci aqui.

- Pesquisadora: Seu pai veio morar aqui?

- Maria: É. Minha mãe é daqui. Ele é de Tijucal, casou aqui. E veio morar aqui.

[Sobre a união de Três Barras, Buraco e Cubas]

Osvaldo: "Depois que passou para uma comunidade só. Tem uns cinco, seis anos, por aí. [Foi por quê?] Tinha uma associação aí [em Buraco], mas vinham poucos [moradores]. Aí pegou e reuniu tudo [Três Barras, Buraco e Cubas] pra ficar assim uma maior quantidade de gente. 22:44.

[Na época de Zé Silivano, os quilombolas precisavam plantar na terra de fazendas?] uai, eles mexeram no terreno deles mesmo. Quando eles vieram para cá eles tinham onde plantar. Mas na bobeira deles, que ficaram trocando terreno deles por bobagem, a maior parte do terreno eles perderam. [Isso foi na Geração do Zé Silivano?] Foi na geração do meu avô. Igual eu te falei, eles trocaram o terreno por cachaça, rapadura... Então o homem [Teófilo Jorge] era muito esperto foi furando os olhos deles. Com isso eles ficaram encurralados sem terra. No fim sobrou esse pedaço de terra aqui que nós moramos nele e continuou plantando no terreno deles [dos fazendeiros] ainda porque o terreno era pouco, não dava pra eles plantar. O Teófilo Jorge, como diz, era olho grande. E arrumando lugar pra por criação de gado e eles ficaram na miséria... (25:03)

[Além de Inhozinho, Teófilo Jorge teve outros filhos?] Tinha muitos. [Mas só o Inhozinho ficou vivendo aqui?] Não, ficou morando aqui um Edir Jorge, que era filho. Geraldo... Três filhos dele que ficou morando aqui na roça, o resto uns mudou para a cidade. Outros foram embora pra Brasília, Belo Horizonte... Muito morreram. O Zezé tinha uma pensão ali perto do Banco do Brasil [na sede municipal de Conceição do Mato Dentro], era pensão do Zézé. Foi pra fora, o Joaquim, o Cid, Daniel...

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Primeira metade do século XX	Fundação de Buraco
Primeira metade do século XX	Início da celebração em Buraco
Por volta de 1956	Morte do fundador da celebração em Buraco
Início da década de 1990	Paralização da festa por aproximadamente seis anos
Final da década de 1990	Reerguimento da Festa do Cruzeiro

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	02	17	F20	06
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Preparação	Compra dos ingredientes para preparação dos alimentos a serem servidos no dia da festa, especialmente para o caldo de mandioca, a farofa de frango e o arroz; Compra da cerveja e cachaça; Compra dos foguetes para o levantamento do mastro; Capinar o caminho entre a casa que foi de José Silivano e o Cruzeiro; Enfeitar o cruzeiro com papel de seda colorido - uma neta de José Silivano é a responsável por enfeitar o cruzeiro.
Chegada dos Visitantes	Os parentes e amigos residentes em cidades mais distantes, em especial Belo Horizonte, chegam na sexta-feira. O restante dos visitantes começa a chegar por volta das 18 horas do sábado.
Reza ao pé do Cruzeiro	Por volta de 20h30 minutos iniciam a reza no Morro do Cruzeiro.
Levantação da bandeira	Logo após a reza, a bandeira de São Pedro é erguida ao som de foguetes e de cantos católicos. São aproximadamente duas horas entre o início da reza e a subida da bandeira.
Confraternização	Após a levantação da bandeira, os participantes retornam para a casa que foi de José Silivano onde repartem a comida e a bebida. No terreiro da casa, os participantes mais animados dançam forró até o amanhecer de domingo.
Organização do espaço	No domingo, a família de Osvaldo e dos vizinhos mais próximos trabalham na limpeza do lugar.
Descida da bandeira	A bandeira permanece erguida por aproximadamente 15 dias. Poucas pessoas participam da descida da bandeira, apenas os quilombolas que residem mais próximos. Algumas vezes o grupo profere algumas orações ao descer a bandeira, outras não.

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Festeiro	Responsável pelos custos com a celebração e apoio na organização e recepção.
Responsável pela festa	Osvaldo, neto do fundador da celebração, é o responsável pela festa. Ele é encarregado de preparar e executar a festa. Conta com o apoio de um festeiro, que é trocado a cada ano. Caso nenhum outro devoto se disponha a atuar como festeiro do ano, Osvaldo assume esta função. Mesmo quando existe a figura do festeiro, parte dos custos é financiado por Osvaldo. "Dá um gasto bem bom", afirma Osvaldo.
Rezadeira	Quem <i>puxa</i> a reza é uma neta de José Silivano, conhecida como Nazinha e que mora em Três Barras.
Visitantes	Participam da festa, parentes e amigos da família de Osvaldo e do festeiro. São, principalmente, moradores de Buraco, do quilombo de Três Barras, de Tabuleiro (distrito de Conceição do Mato Dentro), da sede municipal, de Belo Horizonte e de Tijucal (um povoado na divisa entre Conceição do Mato Dentro e o município de Morro do Pilar). Frequentam cerca de 100 a 200 pessoas. A grande maioria é católica, mas também participam alguns seguidores das religiões evangélicas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	02	17	F20	06
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	O capital investido na festa é destinado à compra de bebidas e comidas, ao material para enfeitar o cruzeiro, a compra de foguetes, além de algum investimento na infraestrutura local. Em 2015, por exemplo, Senhor Osvaldo adquiriu todo o material necessário para iluminar o caminho entre o Morro do Cruzeiro e a casa onde recebem os convidados.
QUEM PROVÊ	Os responsáveis pela festa (Osvaldo e o festeiro)
FUNÇÃO	Recepção dos convidados e homenagem a São Pedro.

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica
DISPONIBILIDADE	Não se aplica

8.5. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Farofa (com frango desfiado e farinha de mandioca), arroz, caldo de mandioca, churrasco, biscoitos, cerveja e batida. Toda a comida e bebida é oferecida sem custos aos visitantes. Nada é comercializado na Festa do Cruzeiro.
QUEM PROVÊ	Os responsáveis pela festa (o festeiro e Osvaldo)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Confraternização

8.6. A) OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Bandeira de São Pedro
QUEM PROVÊ	A moldura de madeira da bandeira foi esculpida por Osvaldo. Sempre que necessário, ele a substitui. Na festa de 2015 a imagem de São Pedro foi substituída por uma de São Brás. A anterior se deteriorou. Para 2016, um amigo de Osvaldo prometeu doar uma imagem de São Pedro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Religioso/devocional

8.6. B) OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Cruzeiro.
QUEM PROVÊ	Osvaldo se recorda de duas reformas do Cruzeiro, ambas executadas por seu pai, sendo a última por volta do ano 2000. A madeira usada na construção foi braúna. Osvaldo explica que o Cruzeiro " <i>não está muito bom, mas aguenta uns anos ainda</i> ". Quando for necessária a substituição ou reforma, Osvaldo pensa em erguer um cruzeiro em cimento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	02	17	F20	06
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Religioso/devocional
-----------------------------	----------------------

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Não há trajes e adereços específicos
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Forró
QUEM EXECUTA	Som mecânico
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Após o momento religioso no Morro do Cruzeiro, os participantes se reúnem em um momento de confraternização.

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Orações e cânticos católicos
QUEM PROVÊ	Rezadeiras e todos os presentes
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ritual-devocional

8.10. INSTRUMENTOS MÚSICAIS	
DESCRIÇÃO	Atualmente não há instrumentos musicais associados à festa. A princípio o forró era tocado por músicos locais, com instrumentos como sanfona, violão, pandeiro e triângulo. Após a morte do sanfoneiro - João Baianinho -, há mais de 30 anos, as festas passaram a ser animadas por som mecânico.
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Família de Osvaldo e os vizinhos mais próximos	Limpeza da casa e quintal que foram de José Silivano.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****02****17****F20****06****9. PÚBLICO****DESCRIÇÃO**

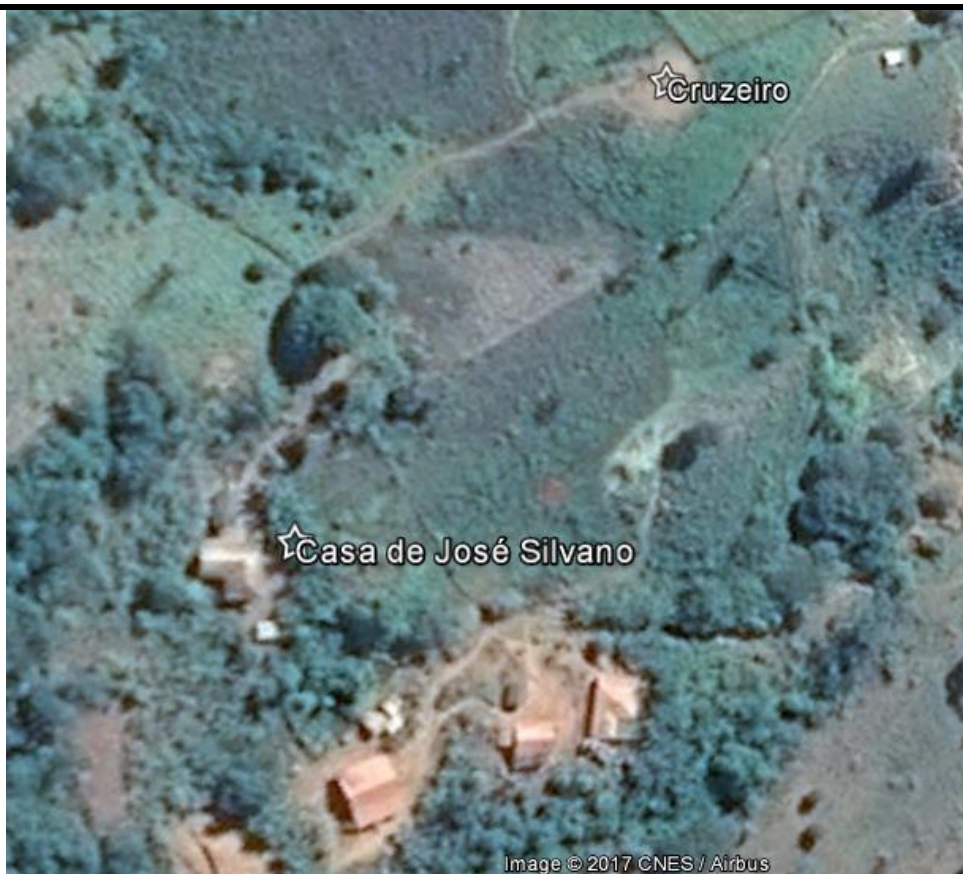
Participam da festa parentes e amigos da família de José Silvano e dos festeiros. São quilombolas de Buraco, Três Barras e Cubas, além de moradores da sede municipal, de Tabuleiro (distrito de Conceição do Mato Dentro), de Belo Horizonte e de Tijucal (um povoado na divisa entre Conceição do Mato Dentro e Morro do Pilar).

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cruzeiro	Bem não identificado, portanto sem código.
Bandeira	Bem não identificado, portanto sem código.

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Lugares de referência da Festa do Cruzeiro. Imagem capturada do Google Earth em janeiro de 2017

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****02****17****F20****06**

Detalhe dos lugares de referência da Festa do Cruzeiro. Imagem capturada do Google Earth em janeiro de 2017

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Não identificado.

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registro audiovisual com Osvaldo Silvano, 63 anos, realizada em 02 de abril de 2016.

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Fotos na data da entrevista.
Fotos da equipe de audiovisual

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	02	17	F20	06
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

13. OBSERVAÇÕES**13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Registro etnográfico e audiovisual da festa. Este registro não pode ser executado pela equipe responsável pelo INRC Quilombos do Cipó, pois a festa de 2016 foi cancelada por falta de recursos.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Cruzeiro e bandeira

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Sem observações.

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Questionário de Identificação: Celebrações (Ficha Q20 do INRC)		
PESQUISADOR(ES)	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
SUPERVISOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
REDATOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		Data 04/07/2017
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	CAMPO – Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio.		